

## **JORNAL E EDUCAÇÃO: A FORMAÇÃO DO MILITANTE ANARQUISTA.**

Maria Isabel Moura Nascimento, UEPG – Ponta Grossa – PR  
[misabel@lexxa.com.br](mailto:misabel@lexxa.com.br)

Aracely Mehl Gonçalves, UEPG – Ponta Grossa - PR e Faculdades Integradas de Itararé. [aracelymehl@hotmail.com](mailto:aracelymehl@hotmail.com)

### **INTRODUÇÃO**

No final do século XIX e início do século XX , o episódio da imigração trouxe para terras brasileiras não somente povos mas também idéias que se diferenciavam das aceitas pela sociedade burguesa instalada em nosso território. Espanhoís , portugueses e Italianos trazem idéias de uma sociedade sem governantes: a anarquia.

A grande maioria destes imigrantes fixou-se no estado de São Paulo, pois o governo estadual foi o mais ativo na criação de subsídios para que tal projeto fosse bem sucedido, a fim de obter uma mão de obra abundante para as plantações localizadas em São Paulo.

Para recebê-los, foi organizada toda uma infra-estrutura, desenvolvida por intermédio da Inspetoria Geral de Terras e Colonização, órgão responsável pelo setor de imigração, para trazer os imigrantes da Europa, recebê-los no Brasil e distribuí-los pelas fazendas de café, produto líder das exportações brasileiras do período, representando 50% das exportações, o que contribuía para que fosse mantida a estrutura agrária dominante no país.

Apesar da grande maioria dos imigrantes terem inicialmente se dirigido às fazendas de café, alguns destes se dirigiram diretamente aos centros urbanos onde puderam participar da gênese do processo de industrialização ou ainda dedicar-se ao comércio , sendo preferidos pelos empregadores já que o elemento europeu era considerado racial e culturalmente “superior” ao brasileiro nativo.

Além de alterações na estrutura social brasileira, o imigrante também é responsável por mudanças de valores e atitudes frente à relação trabalhador – empregador, pois diferentemente do trabalhador brasileiro nativo, estes já vinham de países onde esta relação já havia sido questionada nos congressos e associações operária.

Nas comunidades dos imigrantes existiam sujeitos que já haviam participado de movimentos operários na Europa, e que organizavam grupos, espalhando seus ideais e táticas de luta, incitando-os a não aceitar a exploração da mão de obra sem luta.

O anarco-sindicalismo foi um destes grupos que teve sua fundação no Brasil direcionada por imigrantes italianos, espanhóis e portugueses que engrossavam as fileiras do operariado paulista. Assim, o anarco-sindicalismo se tornou a corrente mais importante do movimento operário, chamando a atenção para a importância da formação dos sindicatos, enfatizando a luta econômica sobre a luta política.

Nos grandes centros urbanos, os imigrantes desprovidos de recursos, eram explorados por seus patrões, trabalhavam mais de dez horas diárias em seis vezes por semana, recebendo um salário geralmente em nível de subsistência, viviam em cortiços miseráveis e sem condições higiênicas,

sujeitos ao desemprego, a fome e a doença e sem uma legislação social ou trabalhista que os protegessem.

Os imigrantes operários das fábricas percebem a necessidade de haver uma maior organização nas lutas proletárias brasileiras, da mesma maneira que ocorria já há algum tempo na Europa. Assim, são organizados sindicatos e fundados jornais que espalham seus ideais e apóiam as lutas através das greves.

O movimento operário brasileiro recebe de herança toda a experiência do proletariado europeu. Ideologias e formas de organização são trazidas nas “malas” dos imigrantes e semeadas por todos os núcleos, difundidas por todos os cantos. Desde a segunda metade do século XIX defendem-se os diversos modelos de socialismo, organizam-se os sindicatos de auxílio mútuo e outros, desencadeiam-se greves e fala-se que a união da classe operária é fundamental. Os jornais em língua alemã, italiana, espanhola, circulam pelos Estados, e a ligação com os países estrangeiros permite ao operário atualizar-se com os recentes acontecimentos, as novas obras, as revistas e os jornais do momento. (CARONE, 1989, p.29)

O movimento anarco-sindicalista é o maior representante da classe proletária na primeira república, pois “[...] sintonizava mais diretamente os interesses do proletariado brasileiro que qualquer outra forma de sindicalismo [...]” (MARAN, 1978, p.63). Devido a isto é perseguido pela polícia e pelo poder Estatal. Várias greves são organizadas por este militantes, sendo que os anos 1913 até 1917 caracterizam-se por serem os de maior mobilização operária da primeira república (CAMPOS, 1988, p.40).

## **O JORNAL OPERÁRIO**

Dentro do contexto apresentado anteriormente, destacam-se as lideranças operárias; os gráficos surgem como dominantes entre os organizadores das greves e dos congressos operários anarquistas, pois sua “[...] profissão desenvolve a capacidade organizatória e o domínio do jornal como instrumento” (FAUSTO, 1977, p.95). Estes jornais

[...] apresentam-se com características próprias frente a manifestação da classe trabalhadora. Cada um tenta fazer avançar o movimento através da união, solidariedade, conscientização de classe e ação dos trabalhadores, quer via propaganda educativa, quer via educação e organização da classe. (SFERRA, 1987, p.10)

As associações operárias criaram e mantiveram uma imprensa alternativa que pudesse divulgar seus ideais e também manter o militante informado a cerca das ações que estariam sendo tomadas pelo movimento visto que os libertários consideravam que a luta contra a exploração burguesa não se dava somente nas greves, nas ruas, nas fábricas, mas também pela imprensa, pela palavra. Vários jornais proletários foram fundados no Rio de

Janeiro e em São Paulo a fim de tornarem-se porta – voz das reivindicações e pensamento do operariado, combater aos projetos da burguesia e formar o proletariado.

Para os libertários, o jornal vem a ser o principal disseminador de seu ideal de emancipação social, proporcionando o desvelamento da exploração e da ideologia capitalista, e também o propagador dos meios que os trabalhadores podem agir, através de greve, boicote, sabotagem a atos de protesto que levarão à greve geral revolucionária e expropriadora da burguesia e ao surgimento da “[...] nova sociedade anárquica, livre e igualitária” (Idem, 1987, p.21)

Um jornal proletário, dentro do ideal anarquista, deveria manter fortemente o compromisso do redator com a verdade dos fatos e o desvelamento da ideologia colocada pela classe dominante, este jornal se tornava então como “[...] o cão-de-guarda público, o denunciador incansável dos dirigentes, o olho onipresente, a boca onipresente do espírito do povo que guarda com ciúme sua liberdade.” (MARX, 1980, p.68) e seu dever seria “[...] tomar a palavra em favor dos oprimidos a sua volta [...] O primeiro dever da imprensa, portanto, é minar todas as bases do sistema político existente”. (Idem, p.70)

## O JORNAL “A PLEBE”

O jornal “A Plebe” de direcionamento anarco-sindicalista é considerado por Khoury (1988) como o periódico de maior importância para a militância anarquista no período, teve seu primeiro número editado no auge das manifestações que levaram à greve geral, no dia 09 de junho de 1917. Este periódico surgiu da necessidade de unir o trabalhador, conscientizar o povo e combater as péssimas condições de vida a que os operários estavam sendo submetidos naquele momento histórico, a fim de que estes se unissem no órgão máximo de reivindicação dos trabalhadores que seria o sindicato revolucionário.

Já em seu primeiro número, o jornal trouxe em seu editorial, uma mensagem onde se colocava como porta voz e verdadeiro representante das causas da classe operária.

*Vem este jornal ser um eco permanente das lamentações, dos protestos e do conclamar ameaçador dessa plebe imensa que desde os seringas da Amazônia aos pampas sulinos, em terra, no mar, nas escuras galerias do sub-solo, nos ergastulos industriaes ou nos ínvios sertões vive sempiternamente a mourejar, em condições de escravos modernos, para manter na opulência os ladrões legaes que aqui, em má hora, viram a luz do dia, ou, como aves de rapina, aportaram de outras paragens (A PLEBE, 09/06/1917).*

No pensamento libertário, a imprensa avançada, denominação dada aos jornais proletários, teria a condição de guiar o povo, educá-lo, formar um militante que não se deixasse levar pelo que era colocado nos jornais burgueses uma vez que os operários iriam entender que neles

[...] as idéias das classes dominantes são apresentadas como universais, diante do seu interesse privado, há um mascaramento das contradições presentes no contexto histórico que impede a tomada de consciência da classe dominada [...] (ZANLORENZI, 2002, p.14)

Os jornais da imprensa avançada seriam então, as principais ferramentas de propaganda das idéias libertárias. Propaganda esta que deveria convencer o operário da necessidade da ação, despertando a vontade espontânea do indivíduo conhecedor de sua real situação de explorado e assim alcançando a esperada ação revolucionária.

Seus colaboradores dirigem a fala do jornal “A Plebe” a um sindicalismo revolucionário, questionador do sistema capitalista, das formas de autoridade e repressão e esclarecedor da doutrina anarquista em seus diversos aspectos.

A temática da conscientização do proletariado e do desvelamento do discurso ideológico apregoado pela imprensa burguesa é uma tônica no jornal em 1919. Seus colaboradores estão convencidos da influência negativa e alienante que a leitura dos jornais burgueses poderia representar para os trabalhadores.

*Há sempre entre o povo uma parcela de ingênuos dispostos a engolir as pílulas amargas, mas bem douradas, que os jornais da burguesia malevolamente lhe impingem. Por isso é preciso que estejamos alerta na barricada, para analisar, documentar, destruir as balelas que os nossos inimigos, que são os inimigos do povo, forjam contra nós (A PLEBE, 19/07/1919)*

## A EDUCAÇÃO

Os libertários eram conhecedores da importância de se educar o militante. Entendiam ser necessário instruir o trabalhador, dar-lhe cultura e conhecimento, pois um povo sem instrução engoliria as “pílulas amargas” da imprensa, da ideologia e do discurso burguês.

Se algum significado pode ser atribuído ao jornal, esse significado relaciona-se principalmente ao caráter que seus editores, redatores e colaboradores deram à mobilização e educação da classe trabalhadora, a qual, na cidade de São Paulo, crescia assustadoramente. Um significado essencialmente político, portanto o significado de *A Plebe* estava relacionado principalmente ao seu caráter de mobilização e educação da massa de trabalhadores que na cidade de São Paulo se ampliavam a todo o momento. (GONÇALVES, 2002, p.43)

Ao se analisar o jornal “A Plebe” é comum encontrar colaboradores que entendem que o processo revolucionário dependeria de dois movimentos: o de associação aos sindicatos e o de instrução escolar. A instrução não somente no sentido da alfabetização mecânica, mas também no sentido do letramento, de ensinar a escrever e ler, porém um ler muito

mais voltado a decifração dos códigos colocados pela ideologia dominante. O artigo publicado em 30 de julho de 1921 elucida tal pensamento:

*[...]Tomando a palavra não poderia deixar de aproveitar a oportunidade para vos incitar a trilhades o caminho da união e instrução, pois só com estas duas alavancas do progresso é que pedereis vencer todos os obstáculos que se oponham a vossa marcha para destinos mais elevados; só unindo-vos e instruindo-vos podereis atingir aquelle grau de consciencia e de convicção capaz de vencer todos os empecilhos, todas as cilladas e todas as dificuldades com que os nossos inimigos costumam impedir o advento de uma sociedade mais justa, mais benéfica e altruísta: é pela união que adquiris a dureza do aço, a resistência do ferro, a rijeza do granito, o qual affronta todas as tempestades e todas as tormentas, mantendo-se insensível, sem mossas e sem arranhaduras. É pela instrução que conseguireis adquirir a consciencia de vossa força, de vossos deveres e de vossos direitos. [...] Tendes, pois, a associação e a escola, dois baluartes de sua defesa, duas cidadelas onde podereis elaborar todas as vossas aspirações, desejos e tendencias economicas, moraes e intellectuaes. Aproveitae-as, dae-lhe toda a vossa adhesão, todo o vosso apoio, toda a vossa ajuda. Não recueis diante de fadigas, de esforços, de sacrifício e afans para as robustecer, fortificar e alargar. A lei do progresso é a perfeição continua a evolução constante, a transmutação persistente. Seja, pois, o nosso lema: união e instrução, pois só pela intima ligação dessas duas actividades poderemos alcançar a realização de nossos anhelos de felicidade e de paz universal.*

A escola que estes militantes defendem não é aquela oferecida pelo governo. Na visão dos libertários, a educação burguesa tradicional, tanto a oferecida pelo seu aparelho estatal quanto a educação mantida por instituições religiosas, mesmo com o cientificismo propagado pelo Liberalismo presente na época, através do método analítico, é na realidade arbitrariamente ideológica, que se esconde por trás de um discurso de pretensa neutralidade. O sistema de ensino patrocinado pelo Estado simplesmente se dedica a reproduzir as estruturas de dominação e exploração do proletariado, doutrinando os alunos a ocuparem seus lugares já predeterminados.

Expondo o comprometimento do ensino público com a ideologia do Estado e, portanto a grande dificuldade que se apresenta para que os limites deste condicionamento sejam superados, os anarquistas se declaram a favor de uma educação que não seja subordinada à religião ou ao Estado.

[...] não lutam pelo ensino público e gratuito oferecido pelo Estado liberal republicano: a postura dos libertários é de levar suas crianças à escola, mas não a escola liberal-republicana, porque esta não correspondia tanto do ponto de vista instrucional) a ciência enquanto suporte do progresso capitalista) quanto do ponto de vista da função de modelagem ( construindo e mantendo a ordem social hierárquica e dual) às necessidades dos trabalhadores definidas pelos libertários, que tinham outro entendimento da relação formação humana – processo de transformação da sociedade(HILSDORF, 2003, p.75).

Perseguem, portanto, uma educação laica que esteja sob a responsabilidade da comunidade, a fim de que a ideologia do Estado não comprometa a liberdade educacional, e assim possa ser formado o homem integral.

*Urge, pois, que criemos as nossas escolas para salvaguardarmos a parte maior do proletariado adulto e a totalidade dos pequenos proletários, se quisermos triunfar para o futuro. Instrução!- deve ser o nosso brado, e a nossa divisa: instruir para nos redimir. Sem instrução não póde haver redempção. Se barreiras houver que não se possa transpor quedaremos ali, ante ellas até podermos avançar. Para quem convicto caminha para a verdade os tropeços são calhaus reconhecidos; e os impecilhos possíveis são communs em sua estrada. Portanto, camaradas, para a frente! Instrui-nos se quizerdes redimir-nos. Eis o meu brado. Serei atendido?(A PLEBE, 12/12/1922).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal propicia a interpretação de uma sociedade, pois, estando atrelado a determinados grupos com seus interesses próprios, torna-se porta voz das ideologias que defende e se coloca como porta voz.

O jornal “A Plebe”, foi um dos grandes jornais libertários; pretendia conscientizar o povo de sua situação de explorados e unir os trabalhadores em suas lutas por melhores condições de vida e trabalho.

Em suas páginas encontra-se a idéia de uma sociedade regenerada através da associação dos operários e da instrução dos mesmos. Esta instrução não se daria somente nas escolas, mas também nos diversos ambientes aos quais o militante anarquista estivesse exposto: em casa, nos sindicatos, nos centros de cultura.

A imprensa, presente em todos estes ambientes, teria o papel de levantar as questões sociais, políticas, econômicas que este leitor, preparado para uma leitura crítica da sociedade faria com seus companheiros. Sua função seria a de combater a ideologia implantada pela burguesia e formar o operariado, transformando-os em sujeitos habituados a pratica da leitura.

Este sujeito

Não deveria ser apenas um grevista, um sindicalista, mas alguém que, tomando consciência dos princípios do anarquismo pela leitura de jornais, revistas, livros, conferências, assumisse a árdua tarefa de destruir o sistema capitalista e construir uma nova sociedade baseada nos ideais anárquicos. Familiarizar o trabalhador com a cultura imprensa, alfabetizá-lo, isso era permitir que ele não fosse apenas máquina, mas que se tornasse ser pensante, que olhasse com perspicácia e inteligência as manobras burguesas pela imprensa periódica, que não tomasse como verdade as afirmações de uma imprensa que estava vendida aos interesses da classe dominante. (GONÇALVES, 2002, p.128)

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, C.H. **O sonhar libertário**, Ed.UNICAMP,São Paulo, Campinas, 1988.

CARONE, E. **Classes sociais e movimento operário**. Ed.Ática, São Paulo, SP, 1989

FAUSTO, B. **Trabalho urbano e conflito social**. Ed.Difel, Rio de Janeiro,RJ, 1977

GONÇALVES,O. F, **A constituição do homem novo anarquista no ideário dos intelectuais do jornal “ A Plebe”** , Dissertação de mestrado, Defendida no mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica –SP, 2002

HILSDORF,M.L.S.**História da Educação Brasileira**.Ed.Thompson,São Paulo, SP, 2003.

KHOURY, Y.M.A. **Edgard Leuenroth : uma voz libertária Imprensa, Memória e Militância Anarco-Sindicalistas**. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988.

MARAN, S. L.. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 1978.

MARX, K, **A liberdade de Imprensa**, Ed. L&PM, Porto Alegre, 1980  
SFERRA, G. **Anarquismo e anarcossindicalismo**. Ed. Ática, São Paulo, SP, 1987.

ZANLORENZI, C. **Estado, Ideologia e educação na “Tribuna dos Municípios” de Irati (1954-1959)**. Dissertação de mestrado consultada em < <http://www.uepg.br/histed-br/> em 18/06/2007

## **FONTES PRIMÁRIAS**

- Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP.  
JORNAL “A PLEBE”, 09 de junho de 1917.  
JORNAL “A PLEBE”, 19 de julho de 1919.  
JORNAL “A PLEBE”, 30 de julho de 1921.  
JORNAL “A PLEBE”, 12 de dezembro de 1922.